

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

CRESCER A INFLUÊNCIA DO P.C.P. E DA OPOSIÇÃO**umentam as dificuldades do regime salazarista**

As grandes lutas travadas nos últimos meses tanto as que antecederam o 1º de Maio, como as que tiveram lugar nesta data, mostram como a classe operária e as massas compreendem e seguirão a justa orientação do Partido. De entre estas lutas é justo salientar uma vez mais, as greves e manifestações dos pescadores do Algarve e dos operários agrícolas de Alpiarça; as lutas por melhores salários e as paralizações dos trabalhadores das Gafanhas de Aveiro; as lutas estudantis em Lisboa e as manifestações do 1º de Maio, realizadas em diversos pontos do país especialmente em Lisboa. De todas elas saiu reforçada a influência do Partido entre as massas populares e do povo português.

ALARGA-SE O PRESTÍGIO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Ao mesmo tempo que no plano interno se alarga o prestígio e a influência do Partido Comunista, no plano externo este prestígio e influência crescem de igual modo.

Depois do Secretário Geral do Partido, camarada Álvaro Cunhal, ter visitado Cuba a convite do camarada Fidel Castro e do Partido da Revolução Socialista, o mesmo camarada visitou Argélia a convite do seu Presidente Ben Bella. As conversações efectuadas com os dirigentes políticos de Cuba e da Argélia revestem-se da maior importância para a luta dos povos de Por-

tugal e das colónias portuguesas contra a repressão fascista.

As entrevistas concedidas pelo camarada Cunhal aos jornais «Hoý» e «Alger Republicain», a forma como é apresentada por estes jornais a luta dos comunistas portugueses são também acontecimentos a marcar o prestígio do Partido Comunista Português.

As declarações do General Humberto Delgado em Praga, como o seu artigo publicado no jornal «Ezvéstia» de Moscovo exaltando a acção e a luta abnegada dos comunistas portugueses contra o fascismo salazarista, a condenação por ele feita dos preconceitos anti-comunistas ainda existentes em al-

guns sectores da oposição, marca um passo em frente na unidade anti-fascista.

A recente instalação do General H. Delgado em Argel para dirigir a Junta Revolucionária Portuguesa é uma vitória da Oposição portuguesa no seu conjunto.

O REGIME FASCISTA VIVE A MAIS GRAVE CRISE DA SUA HISTÓRIA

Enquanto a oposição consolida as suas posições o fascismo vê aumentar em cada dia as suas dificuldades.

Acentua-se a crise económica em (continua na pág. 2)

OS PRESOS DE PENICHE EM PERIGO!

Como o «Avante!» já noticiou e a Rádio Portugal Livre largamente tem divulgado, corre mundo um apelo dos presos de Peniche em que se pede a solidariedade do povo português e das organizações progressistas internacionais no sentido de obrigar os governantes fascistas a conceder-lhes um tratamento prisional compatível com a sua qualidade de homens dignos. Apesar dos numerosos protestos vindos de vários países e das acções das famílias dos presos e de muitos portugueses, os fascistas mais não têm feito que agravar a situação.

Os castigos são cada vez mais brutais e generalizados. Américo de Sousa, depois duma grave hemorragia intestinal foi metido 30 dias no segredo, ficando os primeiros 3 dias sem colchão ou mantas para se agasalhar, e de 3 em 3 dias alimentado apenas a pão e água. Du-

ma só vez mais de 100 presos foram também castigados com 30 dias de completo isolamento e privados de livros, papel, lápis, tabaco, comida vinda das famílias, correio, etc. Outros presos como António Santo doente pulmonar, tem sofrido castigos contínuos no segredo.

O director do Forte, Capitão Falcão e o chefe dos guardas Vítor Rames continuam a ameaçar de morte os presos. Guardas, como Poupá, Louzado, Asdrubal e outros incitados pelos chefes ameaçam igualmente os presos de morte e provocam conflitos constantes com eles, que por sua vez dão azo a novos castigos.

Entretanto, são cada vez maiores as restrições às visitas com as famílias, sendo estas igualmente provocadas e ameaçadas pelos carcereiros. E tudo isto porque os presos de Peniche desejam que sejam levantadas as restrições às visitas com as suas famílias e concedidas (continua na pág. 3)

AINDA A GREVE DOS PESCADORES DO ALGARVE

A greve dos pescadores do Algarve que só agora podemos relatar mais em detalhe representa uma grande vitória destes valorosos trabalhadores algarvios e também do Partido Comunista que soube com audácia enquadrar as justas reivindicações dos pescadores algarvios nas lutas preparatórias do 1º de Maio e contra a exploração infame de que é vítima a classe piscatória.

Eis um relato sucinto de como decorreu a luta dos valentes pescadores do Algarve.

Após uma intensa agitação, no dia 15 de Abril, um grupo de 40 pescadores de Lagos reuniu-se na capitania do porto em Portimão e

exigindo melhores condições de matrícula. Em face da recusa em aceitarem as suas reivindicações, os pescadores recusaram-se a assinar as matrículas pelas condições antigas, e conjuntamente com os pescadores de Portimão decidem recorrer à greve para obterem melhores condições de matrícula. A greve foi logo geral em ambas as terras.

No dia 17, a PIDE prendeu alguns pescadores em Lagos, o que provocou em toda a cidade uma onda de indignação. Surgem então apelos à luta pela libertação dos presos. No dia 19, uma enorme multidão, encabeçada por algumas centenas de mulheres, organiza-

ram um marcha de protesto e exigem a libertação dos presos. Entretanto, a cidade já havia sido ocupada por forças da GNR, que armadas de capacetes e metralhadoras, tentam impedir a manifestação. Os manifestantes não se deixam atemorizar e prosseguem a marcha até junto do posto da guarda, gritando sempre: «Temos fome! O que se ganha não chega! Soltem os nossos maridos! Apenas queremos melhores condições de vida!» A estes gritos das mulheres e do povo, a GNR respondia: «Se avançam mais disparamos! Fazemos o mesmo que se fez em Aljustrel!» A decisão dos manifestantes era firme. Eles queriam a libertação dos presos e às ameaças de disparos respondiam: «Não nos matem! Não façam mal à gente! Temos fome! O que se ganha não chega!» As forças repressivas foram recuando até ao posto. Aí apareceu a PIDE a dizer que os homens estavam presos às ordens do capitão do porto e que só ele os podia mandar soltar. As mulheres e o povo, que era já uma enorme multidão, exigiram um carro para levar uma comissão a Portimão a avistar-se com o capitão do porto. Esta reivindicação foi satisfeita, tendo seguido no carro da PIDE 3 homens que foram a Portimão avistar-se com o capitão do porto. Em apoio à comissão, numerosas pessoas, em especial mulheres, utilizando a automotora, camionetas e muitos carros particulares, seguiram para Portimão, exigindo a libertação dos presos. Perante a pressão das massas os pescadores foram soltos.

A chegada a Lagos dos pescadores presos, constituiu uma emocionante manifestação de alegria. Mais uma vez as massas faziam recuar a repressão, era o começo duma grande vitória dos trabalhadores, (continua na pág. 3)

ÁLVARO CUNHAL VISITA A ARGÉLIA!

No princípio de Junho, Álvaro Cunhal, Secretário Geral do nosso Partido, visitou a República Argelina Democrática e Popular, a convite do seu Presidente Ben Bella.

Após a visita a Cuba Socialista, onde passou o 1º de Maio, a convite do camarada Fidel Castro, a visita à jovem república argelina a convite do seu presidente, constituiu mais um grande êxito político para o nosso Partido e para a luta do nosso povo contra a ditadura fascista.

Como Álvaro Cunhal afirmou na entrevista ao jornal «Alger Republicain», «durante longos anos Salazar conseguiu manter um muro de silêncio em torno da verdadeira situação em Portugal e da luta do povo português. Mas a situação modificou-se. O exemplo dessa modificação é-nos dado pela Argélia. Há alguns anos os oficiais fascistas vinham à Argélia para aprender com os colonialistas franceses os métodos de repressão terrorista. Actualmente, são os anti-fascistas portugueses, perseguidos pelo governo, que encontram na Argélia uma hospitalidade fraternal e um importante apoio para a sua luta. A plena condenação pelo governo argelino da política fascista e colonialista de Salazar, as facilidades concedidas na Argélia à actividade da F.P.L.N., a próxima instalação na Argélia do General Humberto Delgado, a viagem à Argélia que acabo de fazer, são provas da solidariedade para com o povo português da parte do povo argelino, do governo da Re-

pública Argelina Democrática e Popular e pessoalmente dessa grande figura revolucionária que é o Presidente da República e Secretário geral da F.P.L.N., Ben Bella.

Essa solidariedade, pela qual os democratas portugueses estão gratos, é a melhor expressão da amizade entre o povo argelino e o povo português, e estabelece uma base sólida para a compreensão entre a Argélia Democrática e Popular e o Portugal Democrático de amanhã.»

Frizando que a libertação do povo português será obra do povo e das forças democráticas de Portugal, Álvaro Cunhal salientou, na entrevista referida, a importância que tem para alcançar esse objectivo a solidariedade internacional, afirmando que «ela pode contribuir para fazer recuar a política terrorista em Portugal e nas colónias portuguesas e pode também contribuir para apressar o processo revolucionário que conduzirá ao derrubamento do regime fascista, ao restabelecimento dum regime democrático em Portugal, à libertação nacional de Angola, da Guiné, de Moçambique e dos outros países submetidos ao regime colonial português.»

Estudando a experiência da Revolução argelina e dando a conhecer mais de perto a luta heróica do nosso povo contra a ditadura fascista, Álvaro Cunhal, deu assim mais uma preciosa contribuição para a luta do nosso povo, cujos efeitos políticos se farão sentir ainda mais no futuro.

Cresce a influência do PCP

(continuação da pág. 1)
consequência da guerra colonial que longe de terminar, se alarga a outros territórios como Moçambique onde já se registaram combates. O agravamento da situação nesta colónia obrigou a substituir o experimentado ex-governador colonialista, Sarmiento Rodrigues, por um general da aviação o que significa que também em Moçambique, Salazar, envereda pela solução militar em prejuízo de qualquer solução política.

Dentro da mesma linha se pode enquadrar a nomeação do nazi, coronel Arnaldo Shults, para governador e comandante em chefe das forças militares da Guiné. Enquanto toda a gente se dá conta que a situação nesta colónia atingiu um ponto extremamente grave para as tropas colonialistas portuguesas, Salazar em vez de reconhecer que a solução não pode ser encontrada na força das armas, insiste criminosamente na continuação da guerra, sacrificando vidas e bens da nação.

Através de novas concessões em bases e facilidades militares aos imperialistas, Portugal vai-se tornando cada vez mais um país ocupado. Os empréstimos sucedem-se todos eles para alimentar a guerra nas colónias, ainda que por vezes camuflados com a capa do desenvolvimento económico, como no caso recente dos 20 milhões de dólares ao juro ruinoso de quase 6 por cento. A concessão também recente de mais um crédito de 1 milhão e 300 mil contos para as forças armadas do ultramar, mostra como os recursos que deviam servir à satisfação das necessidades do povo, são na sua quase totalidade queimados nas guerras coloniais.

Os votos das chamadas potências ocidentais, favoráveis à política salazarista, são pagos com a soberania da Nação, mas isto em nada modifica o processo de isolamento do regime e a sua condenação internacional, como se pode ver ainda há pouco na Conferência internacional do Comércio, na Organização Internacional de Trabalho, etc.

A política ultra-reaccionária de Salazar é condenada até pelo seu parceiro Franco. É sintomático que o embaixador espanhol em França tenha declarado publicamente que o seu governo não apoia a política colonialista portuguesa, apesar da existência do Pacto Ibérico.

Dificuldades e demagogia

Sendo como é, cada vez mais reduzida a base em que se apoia o regime, Salazar, tem tentado através do fantoche Tomás, dar ao regime uma falsa aparência de popularidade. Depois de o mandar cortar mais umas tantas fitas e de assistir a algumas festas mandando para Moçambique para repetir a palhaçada de Angola.

Enquanto o Tomás vai desempenhando o melhor que pode o seu papel de laçoio com farda de Almirante, o Ministro do Interior tardou em encontrar um novo governador civil para Viseu, facto que o levou a respirar fundo dizendo: «Continuamos a encontrar quem se prontifique a ocupar posições de combate». O que quer dizer, que já sendo cada vez mais difícil en-

contrar quem se disponha a combater por uma causa desde há muito perdida e condenada.

O Ministro da Economia, não podendo abafar mais os protestos da lavoura concede a esta um subsídio de 220 a 300 mil contos, mas logo os Gémios da Lavoura do Baixo Alentejo dizem muito justamente referindo-se ao subsídio, «não se deve depositar esperanças demasiadas nele, pois se vier a ser distribuído igualmente por todos as médias e pequenas explorações do País, que são cerca de 700 mil, caberá a cada uma importância da ordem dos 300 a 400 escudos». O Ministro da Educação, à pressa e para fugir às perguntas dos jornalistas convoca uma conferência de imprensa para anunciar o aumento da escolaridade obrigatória de 4 para 6 classes, mas ele próprio parece não saber como ela poderá ser aplicada daqui a 4 anos, dada a falta de professores.

A repressão não salvará o regime

Entalado entre as contradições internas provocadas pelo crescimento contínuo das lutas da classe operária e do povo português e as lutas dos povos coloniais, os salazaristas lançam mão dumha cada vez mais desenfreada repressão.

Nas semanas que antecederam o 1º de Maio foram efectuadas largas centenas de prisões por todo o país. No 1º de Maio de novo correu o sangue generoso do povo. Daí para cá a vaga repressiva têm-se alargado ainda mais. Numerosas operações s'op, algumas com duração prolongada. Rugas em vários lados e buscas domiciliárias, tudo visando os democratas e sobretudo os lutadores clandestinos.

Em Lisboa, onde durante todo o ano funciona um Tribunal Plenário para julgar crimes políticos, acaba de ser formado um segundo, dado o primeiro já não chegar para julgar os opositores ao regime.

Fascistas impedidos como o Delegado do Ministério Público, Lopes de Melo, que actua no processo de Beja, lamenta não existir em Portugal a pena de morte e a prisão perpétua. Claro que este fascista sabe que o facto de não existir no país a pena de morte para crimes políticos, não tem impedido a polícia de assassinar numerosos combatentes, além de que ela existe já para crimes de guerra e foi instituída pelo seráfico Salazar. Quanto à prisão perpétua toda a gente sabe que ela é aplicada precisamente pelos Tribunais Plenários através das chamadas «Medidas de Segurança». Mas, sem quais forem as medidas que os fascistas venham a tomar, nada salvará o seu regime, condenado pela história e pelo povo português.

As lutas que a classe operária, a juventude e o povo têm vindo a travar nos últimos tempos, são indício seguro que não vem longe o dia da libertação.

Que cada patriota, cada português honrado dê um pouco do seu esforço e sacrifício para apressar a derrota do fascismo e fazer raiar sobre o nosso martirizado país o sol da liberdade e da democracia.

GLÓRIA AOS NOSSOS MÁRTIRES E HERÓIS! 5 MIL PESSOAS PRESTAM HOMENAGEM A UMA MILITANTE COMUNISTA

Atacada por uma pneumonia, 22 dias depois de um parto normal morreu no hospital para onde foi levada de urgência a nossa saudosa camarada Maria Alberlina, militante do Partido e natural de Alpiarça que como muito bem assinalava um jornal diário havia dedicado toda a sua vida à causa do povo.

Mesmo depois de morta a ediosa Pide prendeu serviu-se do seu cadáver para deitar a mão ao seu companheiro, insinuando depois que o Partido deixa ao abandono os seus militantes. A melhor resposta a esta seixa colónia da Pide deu-a o povo de Alpiarça incorporando-se em massa no seu funeral, 5 mil pessoas, irmãs e não no sentimento de homenagem a uma combatente pela liberdade e ao Partido em cujas fileiras lutou até ao fim da sua vida, incorporaram-se no funeral de Maria Alberlina. O «Avante!» em nome de todos os co-

munistas e trabalhadores de Portugal presta a Maria Alberlina a mais saudosa homenagem e apresenta ao seu companheiro, nosso dedicado camarada Manuel Colha, a organização de Alpiarça as mais sentidas condolências.

A glorieta viciosa de Alpiarça e o PCP têm a registar mais um mártir da liberdade. Em dia que não vem longe se prestarão a todos aqueles que têm dado a vida pela causa da liberdade e da independência da nossa Pátria e homenagem devida e então se confirmará que o seu sacrifício não resultou em vão.

GLÓRIA AOS NOSSOS MÁRTIRES E HERÓIS!

22 anos depois!

O dr. António Ferreira Soares, militante destacado do Partido Comunista Português, era um médico que exercia a sua profissão nos conselhos da Vila da Feira, Espinho e parte de Góia. Por todos era conhecido e respeitado pelo seu saber e competência, atributos estes aliados a um excepcional espírito de solidariedade humana e a uma atitude de luta constante e permanente contra o fascismo.

Mesmo fugido aos cães de fila da polícia política, nunca se furteva a ir socorrer qualquer enfermo que dele necessitasse. Sentindo-se perseguido e sempre na iminência de pelo menos ser preso, inúmeras vezes se autenticou de casa, passando noites inteiras, a todo o tempo, dentro da copa dumha «Japoneira» que já nessa altura existia no cemitério de Nogueira da Regedoura.

Exactamente no dia 4 de Julho de 1942, a polícia política (Pide) esboçou o cobardemente.

O povo não esqueceu o seu dedicado companheiro!

Transformou a «Japoneira» num símbolo vivo. Tantos e tantos que ao passarem na estrada que vai junto ao cemitério de Nogueira da Regedoura, se descobriam respeitavelmente num gesto de homenagem àquele a quem o ódio injustamente matara, e que na hora da morte expressara o desejo de ser sepultado em campa humilde e rassa, deixei dessa árvore amiga e acolhedora.

Odiando para além da própria morte, os fascistas, no caso concreto representados pelo pároco da freguesia, de mãos dadas com o presidente da Junta, abateram a golpes de machado, a velha e simbólica Japoneira.

Para o povo de Nogueira da Regedoura, este acto nefando e vil caiu como uma nova morte violenta de que novamente teria sido vítima o dr. Ferreira Soares.

Houve protestos, e durante todo esse dia numa verdadeira «romagem ao cemitério», todos corriam pequenos tomos da Japoneira, que guardavam, como recordação, e não passaram muitos dias para que a mão do povo colocasse no local onde a cultura tinha sido cortada uma árvore idêntica.

No dia 8 de Março, realizou-se como é de tradição um cortejo de oferendas ao pároco, com «prendas» que depois seriam leiloadas a seu favor. Concentrou-se o povo, mas ninguém trazia oferendas!

Organizou-se um desfile, em manifestação de saudade a Ferreira Soares que constituiu um verdadeiro protesto contra o fascismo.

Que melhor homenagem se pode prestar a um mártir do Partido Comunista 22 anos depois da sua morte?

«UNIDADE E ACCÃO»

NOVO COMPANHEIRO DE LUTA

No passado mês de Março viu a luz do dia mais um companheiro de combate: «Unidade e Accção», órgão da Junta Patriótica Central que vem juntar-se ao jornal «A VERDADE» órgão das Juntas do Norte. Aparecerem também já recentemente dois números do jornal «Anti-colonial».

A estes companheiros de luta e a todos que dumha maneira ou doutra contribuem para a sua feitura e divulgação saudamos calorosamente e desejamos os melhores êxitos no cumprimento das suas tarefas.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite nos seguintes horários. Das 8 às 8,30 h. da manhã em 50 metros, das 20 às 20,30 h. e das 22,15 às 22,45 em 32 metros e das 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros.

Aos Domingos, em emissão especial, dedicada aos camponeses e agricultores, das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros;



GREVE DOS PESCADORES

(continuação da pág. 1)

Este êxito, galvanizou ainda mais os pescadores, a luta tornou-se mais decidida. No dia seguinte, à hora em que os pescadores deviam sair para o mar, uma multidão calculada em cerca de mil pessoas, concentrou-se junto ao cais a apoiar e incitar os pescadores a prosseguirem na luta. Novamente as forças repressivas tentaram dispersar os manifestantes que não deixavam de gritar e dar apoio aos valentes pescadores. Foi preso um pescador mas posto em liberdade pouco tempo depois. A repressão era impotente face à firme determinação dos pescadores.

No dia seguinte em Portinho, a exemplo do que se fizera em Lagos, uma multidão de cerca de 5 mil pessoas, concentrou-se junto ao cais, gritando: «Temos fome! O que ganhamos não chega! Queremos melhores condições de matrícula para os pescadores!» A cidade foi imediatamente ocupada por forças repressivas armadas de capacetes e metralhadoras. Foram feitas algumas prisões. É nesta altura que a greve se torna geral, estendendo-se a todos os portos.

A greve alarga-se

Em Olhão, logo que chegou a notícia da greve, os pescadores acompanhados das mulheres e muito povo, saíram para a rua e desfilaram aos gritos: «Pescadores não vamos ao mar! Não assinemos as condições de fome que nos querem impor! Temos fome! Os pescadores do Algarve estão em greve!»

Também aqui se verificou a ocupação da vila pelas forças repressivas. Em Vila Real de S. António, embora já tivessem ido algumas traineiras ao mar regressaram a terra.

A greve abarcou todos os portos algarvios, durou 12 dias, sendo totalmente vitoriosa.

Os fascistas e patronato obrigados a recuar

Tentando quebrar a firmeza dos pescadores, desilcoou-se ao Algarve um membro do governo para manobrar, mas numa reunião em Vila Real de S. António, os pescadores viraram-lhe as costas.

Perante a firmeza dos pescadores em greve, o fascismo e os armadores, tiveram de aceitar as condições impostas por eles.

A greve teve reflexos nas diferentes camadas da população, uns porque participaram na própria luta, em apoio dos pescadores (caso dos conserveiros), outros porque foram contagiados pela própria luta. Surgiram no decorrer da luta condições para uma greve na classe conserveira, todavia, muitos patrões anteciparam-se e deram aumento aos trabalhadores.

A solidariedade aos pescadores

A solidariedade da população, que nas ruas e no cais incitava e apoiava os pescadores, fez recuar a repressão e deu mais amplitude à luta. Algumas traineiras de Setúbal que se dirigiam ao Algarve, tiveram conhecimento da greve quando se encontravam por altura de Sines, imediatamente voltaram para trás. Este gesto de solidariedade

provocou grande satisfação nos pescadores algarvios. O crédito concedido pelos comerciantes, apesar das tentativas da PIDE para o impedir foi também uma boa ajuda aos pescadores.

A solidariedade moral e material prestada pelos trabalhadores portugueses emigrados e por diversas organizações internacionais como a Federação Sindical Mundial, a C.G.T. Francesa e outras foi também uma poderosa ajuda para manter a greve.

A forma como os pescadores souberam manter em respeito os armadores e mestres que tentavam por todos os meios sabotar a greve, chegando pelo menos um deles a levar forte tarefa, foi também uma condição importante para a vitória alcançada.

«O Avante!» em nome dos trabalhadores portugueses se dá calorosa e entusiasmada aos pescadores e conserveiros algarvios encorajando-os a prosseguir na luta por novas melhorias das suas condições de vida.

PORTUGAL—UM PAÍS OCUPADO!

A traição da camarilha salazarista é de tal forma evidente que raro é já o mês que não tenhamos novos factos a confirmá-la. Gogos pelo seu ódio ao povo, comprometidos até à medula na defesa dos interesses dos grandes monopólios nacionais e estrangeiros, culpados de crime odioso praticados nas colónias onde prosseguem em guerras condenadas e injustas; os governantes fascistas para fugirem ao justo castigo vão entregando a independência da Nação ao imperialismo e transformando o país em terra ocupada.

A COLABORAÇÃO COM OS REVANCHISTAS DE BONA

Nos últimos tempos têm-se multiplicado as visitas de ministros e outras personalidades fascistas à Alemanha, e de missões militares e económicas deste país a Portugal. As relações com os revanchistas de Bona, têm vindo a assumir aspectos absolutamente atentatórios da soberania e independência nacionais. Por outro lado, elas representam um descarado apoio às guerras conduzidas por Salazar contra os povos das colónias portuguesas.

Apesar de todas as forças democráticas, bem como, a quase totalidade do povo português se pronunciarem contra a guerra nas colónias; apesar da ONU e outros organismos internacionais, assim como muitos e destacados estadistas e individualidades de vários países haverem condenado as guerras contra os povos de Angola e Guiné, os militaristas alemães puseram agora oficialmente à disposição do governo português os seus hospitais para tratar feridos de guerra e recomendaram às fábricas de material de guerra salazaristas armamento no valor de 3 milhões de contos, fabricando segundo modelos aperfeiçoados alemães. Esta encomenda bélica, além de grande ajuda para atenuar o desiquilíbrio da balança comercial portuguesa, tão afectada com a guerra, facilita aos salazaristas o aperfeiçoamento do seu próprio material que depois utilizam contra os patriotas angolanos, guineenses e de outras colónias que lutam pela sua independência.

Ainda a tinta com que o Ministro da Defesa Gomes de Araújo, tinha assinado estes acordos não havia secado e já outro ministro fascista, Antunes Varela, assinava na capital alemã um outro acordo sobre extradição entre os dois países. Este acordo visa especialmente os jovens desertores que se encontram na Alemanha e fugiram à guerra colonial.

Esta criminosa colaboração é contrária às decisões da ONU sobre a política colonial portuguesa, e atentatória da liberdade dos portugueses anti-salazaristas, que se encontram na Alemanha de Bona.

A OCUPAÇÃO ALEMÃ

AMEAÇA A LUTA PELA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

O estacionamento de forças militares alemãs em território português é também um perigo para a instauração de democracia em Portugal. As centenas de homens que se vão instalar na base de Beja, os milhares (não se sabe quantos) que vão estacionar e fazer exercícios em Santa Margarida, podem vir a representar um perigo para a instauração da democracia no nosso país. Gémios como são no seu ódio contra os comunistas e a democracia, é de admitir que Salazar tenha assinado com os revanchistas alemães, acordos secretos destinados à utilização das tropas alemãs contra os patriotas portugueses.

Se é certo que não podemos garantir que tais acordos tenham sido assinados, podemos pelo menos garantir que, quer eles existam ou não, o povo português conquistará a democracia e a nossa Pátria será libertada das forças estrangeiras e do domínio imperialista.

Nos 8 séculos da história pátria, não é a primeira vez que governantes traidores e corruptos abrem as portas da Nação às ordas estrangeiras, mas sempre que tal sucede, o povo português soube dar-lhes o castigo merecido. Podem os traidores salazaristas estar seguros que a sua sorte não será diferente.

Depois da instalação das bases americanas, francesas e da NATO, as novas concessões feitas aos revanchistas de Bona são mais um duro golpe vibrado na independência do nosso país. Perante isto a resposta só pode ser uma para todos os portugueses honrados; protestar por todos os meios contra tais acordos. Desmascarar perante as organizações internacionais, incluindo as africanas, a descarada ajuda dos revanchistas de Bona à guerra contra os povos das colónias portuguesas; divulgar por todo o país as palavras de ordem:

Fora os militaristas alemães de Portugal! Fora Salazar e a sua camarilha de traidores!

Reforma do Ensino Primário... PARA DAQUI A 4 ANOS!

Sob a pressão das exigências da industrialização que requer cada vez maior preparação técnica por parte dos operários e empregados, o governo foi finalmente obrigado a encargar o aumento da escolaridade obrigatória até à sexta classe, ainda que dilatando a sua aplicação prática para daqui a 4 anos; devido à falta de professores!

Devido à política reaccionária de Salazar, orientada pelo conceito de que «saber ler, escrever e contar era suficiente para a grande maioria da população portuguesa», as escolas do Magistério Primário, para a formação de professores, estiveram encerradas durante 10 anos. Muitas outras medidas de atreçamento da cultura e da educação foram tomadas ao longo do negro reinado fascista de Salazar, tais como a perseguição e demissão de muitos milhares de professores e intelectuais de democratas. Portugal é, assim, o país da Europa de mais baixa escolaridade e cujo ensino é dos mais retrógrados. Por esse Portugal fora há falta de escolas e salas de aula. Dão-se lições em salas arruinadas, em parábicos e casas particulares. Cifram-se em muitas e muitas centenas as escolas sem mestre! Há, por outro lado, milhares de mulheres e também

homens com a 4ª classe ou pouco mais a ensinar, como regentes, nos chamados postos de ensino o pouco que aprenderam!

O panorama escolar do país é de tal modo confrangedor ao fim de 38 anos de regime fascista que o próprio jornal fascista «O Século» não pode deixar de constatar que, devido ao facto das dotações orçamentais para o ensino serem exiguas, devido à falta de professores em todos os ramos de ensino, e à sua insuficiente preparação pedagógica; devido à insuficiência da remuneração do professorado; devido ao mau apetrechamento técnico e científico da maioria dos nossos estabelecimentos escolares para um ensino de acordo com as realidades do tempo actual; devido à desactualização dos programas e à ineficácia dos processos de ensino; devido enfim a toda a política reaccionária e de classe dos salazaristas — acrescentamos nós — 75 por cento da população escolar fica impossibilitada de prosseguir os estudos para além da 1ª classe. Nos exames de 4ª classe há 60.000 reprovações anuais, o exame de admissão aos liceus e escolas técnicas a média de reprovações todos os anos aproximam-se dos 30 por cento dos alunos inscritos.

No ensino secundário — prossegue «O Século» — a análise dos números causa ainda maior desolação: em cada 1.000 alunos do liceu 450 não chegam a concluir o primeiro ciclo; apenas 100 em cada 1.000 conseguem concluir o 2º ciclo; e destes últimos sómen'te 14 completam o 7º ano.

Nas Universidades a situação não é menos pavorosa onde a média dos aproveitamentos não vai além de 33 por cento, quando nas universidades inglesas e alemãs, por exemplo, a média dos aproveitamentos oscila entre 70 e 80 por cento!

Tudo isto mostra que a reforma agora anunciada não passa de mais uma medida demagógica. Para além do mais, anunciando uma reforma para daqui a 4 anos nem os próprios fascistas estão hoje certos de estarem então no poder para a cumprir!

Sem uma reforma democrática da cultura tal como o Partido Comunista reclama, sem pôr fim à guerra colonial e desviar para a instrução e a cultura os milhões de contos nela dispendidos, sem uma remuneração justa do professorado, não pôde falar-se na solução dos problemas do ensino. Ao longo dos 38 anos de regime fascista, os salazaristas apenas têm agravado este problema. Por isso, só o derubamento da ditadura fascista é a instauração dum regime democrático poderá abrir caminho também à solução do problema da cultura e do ensino em Portugal!

PRESOS DE PENICHE

(continuação da pág. 1)

as duas horas de visita regulamentar, que seja modificado o parlatório, cujas condições acústicas e de visibilidade são péssimas; que seja modificado o regime celular que submete os presos a um isolamento quase completo; que seja garantida a todos os presos assistência médica eficiente e o fornecimento de dietas exigidas pela doença de cada preso.

São estas as reivindicações principais dos presos de Peniche, que foram apresentadas em exposição elaborada pelas suas famílias, para a qual recolheram mais de 400 assinaturas, mas que o director do Forte se recusou a receber.

Perante uma tão grave situação, apelamos uma vez mais para todos os portugueses de coração, para todos as organizações progressistas e humanitárias internacionais no sentido de intensificarem a ajuda aos presos políticos de Peniche, cuja vida corre em cada dia, mais grave perigo.

Que através de abaixo assinados, cartas, postais, inscrições, etc., se faça sentir aos carrascos fascistas que os presos políticos não estão só.

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS! ABAIXO O FASCISMO!

«SEM ORGANIZAÇÃO NÃO HÁ VITÓRIA POSSÍVEL»

A regularidade com que o Comité Central do Partido Comunista Português, vem realizando as suas reuniões, a importância dos documentos nelas aprovados, bem como as resoluções e medidas tomadas para melhorar o trabalho e defender os quadros do Partido dá bem a medida das possibilidades de acção do Partido, a sua capacidade para resistir à desesperada ofensiva policial e continuar a orientar e mobilizar a classe operária e as massas nas suas lutas pelo pão, pela democracia, contra as guerras nas colónias, etc.

Como noticiámos já, no passado mês de Abril realizou-se a última destas reuniões e nela foi aprovado o relatório apresentado pelo camarada Cunhal. Referimo-nos hoje ao capítulo desse relatório que se intitula.

«SEM ORGANIZAÇÃO NÃO HÁ VITÓRIA POSSÍVEL»

A leitura e estudo deste capítulo e sobretudo a aplicação prática da orientação nele estabelecida é uma necessidade imperiosa não apenas para os militantes do Partido, mas para todos aqueles que tenham uma justa compreensão da importância da organização para levar a cabo a Revolução Democrática e Nacional.

Quase no começo deste capítulo diz-se: «Por todas as dificuldades que apresenta, o trabalho de organização não é do agrado daqueles que pertencem resolver os complexos problemas duma revolução vitoriosa sem grande trabalho preparatório. Quando quem dizer que é necessário organizar as forças políticas anti-fascistas, e organizar os operários, e organizar os camponeses, e organizar os pescadores, e organizar os estudantes, e organizar os intelectuais, e organizar os militares, e organizar os jovens, e organizar as mulheres, e organizar as lutas, sejam pequenas ou grandes, acham decididamente que se trata dum trabalho demasiado moroso e difícil e dizem que «assim nunca mais se lá chega». A verdade é a inversa. A verdade é que chegaremos se soubermos organizar, e nunca chegaremos se não o soubermos.»

Sem organização podem «fazer-se coisas». Mas não se podem lançar grandes lutas, dar-lhes continuidade, elevá-las a um nível superior. A agitação pode pôr as massas em movimento, mas não pode manter com elas o contacto, encabeçá-las, dirigi-las e orientá-las ante as surpresas que a cada passo surgem. Isto que é válido em relação a qualquer luta reivindicativa económica, a qualquer manifestação de rua, com mais razão é válido em relação com a tarefa grandiosa que as forças democráticas portuguesas têm diante de si: conduzir o povo até ao levantamento nacional, até à insurreição armada, que ponha fim à ditadura e instaure uma ordem democrática.

Nós comunistas não temos a pretensão de ler do nosso lado toda a razão, mas a verdade é que as realidades são de tal maneira evidentes que não fazem senão confirmar a justiça da nossa orientação.

AS ACÇÕES DO 1º DE MAIO

As comemorações do 1º de Maio deste ano foram como já tivemos

ocasião de assinalar, uma grande jornada do povo português no caminho da sua libertação.

Influenciados por ideias pequeno-burguesas e pela pressão do revolucionarismo verbal tão largamente espalhados em algumas camadas intelectuais e estudantis, foram elaborados documentos para o 1º de Maio em vários sectores que reflectiam mais ou menos fortemente esse revolucionarismo pequeno-burguês. Este facto extremamente negativo na vida do Partido, teve a virtude de demonstrar ao vivo que não têm razão aqueles camaradas que pensavam ou ainda pensam que para preparar as lutas, mesmo grandes lutas, basta uma grande e inflamada agitação.

Aqueles que pensam que o que falta às massas são palavras de ordem «audaciosas» e não uma forte organização que as mobilize e enquadre nas grandes e pequenas lutas terão talvez aprendido, o significado desta outra passagem do mesmo relatório: «Há quem tenha em relação às lutas políticas, o culto da espontaneidade. Pensam alguns que a questão se resolve com apelos. Pensam que se faz um apelo «à greve!» e se faz a greve. Um apelo «à manifestação!» e se faz uma manifestação. E há até quem pense que a mais complexa de todas as lutas políticas, a insurreição, se pode resolver da mesma forma. Um apelo «à insurreição!» e aí a temos. Não. Hoje uma greve ou uma manifestação ou qualquer outra luta política, amanhã uma insurreição, só podem ser bem sucedidas se convenientemente organizadas.»

OS APELOS À VIOLÊNCIA

A experiência do 1º de Maio, terá mostrado igualmente aqueles que a queiram ver que as massas não só não aderem a uma grande luta sómente porque se lançam apelos à violência, como em alguns casos tais apelos podem vir a ter efeitos contrários. É significativo que em alguns sectores e em especial naqueles onde o revolucionarismo verbal é mais agudo muita gente tratou de sair dos centros da luta com medo evidentemente, de se queimarem na gasolina que pensavam ir jorrar de milhares de garrafas de cerveja transformadas em bombas incendiárias. Não será de admirar se alguns destes «veraneantes do 1º de Maio» vierem agora fazer duras críticas à orientação do Partido e aqueles que ficaram no barulho mas que afinal não derrubaram Salazar. Para estes não deixa de ser bem lembrada esta passagem de um outro capítulo do mesmo relatório. «Comparando o que dizem algumas pessoas, verifica-se um fenómeno curioso; quanto menos força têm, mais fácil lhes parece o derrubamento do fascismo. A sua tática não responde às exigências da situação; responde apenas às possibilidades próprias. Se não têm forças e não vêem como ganhá-las para a insurreição, votam pelo golpe; se não têm força para o golpe, votam pelo grupo de acção directa; e se não têm força para o grupo, votam pelas frases inflamadas, que não no fim de contas uma actividade económica e deveras vistosa.»

A ORGANIZAÇÃO

E AS LUTAS DE MASSAS

Para finalizar voltamos ainda às comemorações do 1º de Maio mas agora para lembrar que as grandes jornadas deste dia em Lisboa, Alpiarça, Gafanhas, etc., só foram possíveis porque na sua preparação jogaram no fundamental a organização e as lutas antes travadas. Isto é a melhor prova de que para a preparação de novas e grandiosas jornadas é fundamental, é imprescindível que se faça desde já um grande esforço para fortalecer e alargar a organização do Partido assim como uma organização unitária. Por outro lado, é absolutamente essencial que se desenvolvam igualmente grandes esforços para impulsionar as mais variadas lutas. As condições objectivas para criar uma forte organização e desencadear as lutas mais diversas são francamente favoráveis. Que cada comunista, cada democrata ou anti-salazarista, tenha a coragem de encarar este problema de frente e com espírito de resolução.

«Toda a luta política — diz o citado relatório — necessita de organização. Aquilo que se diz duma manifestação, pode dizer-se dum

VOZES DE BURRO NÃO VÃO LONGE...

Na Emissora Nacional falou-se finalmente a voz coquetica e roufenha do senhor Olegdo dos Santos que o governo fascista de Salazar, em má hora para o seu próprio prestigio, pôs a dizer umas tantas laboiosas que ninguém ouvia a não ser o seu autor...

Segundo o próprio jornal «O Século», de 17-6-64, a rubrica «Moscou não fala verdades» em vez de servir os propósitos para que foi criada, linha, devido à sua irritante e «popularucha» apresentação o dom de afastar todos os ouvintes, sem distinção de cores». Pobre senhor Olegdo... depois dos nezilias e dos salazaristas, a quem mais poderá servir neste mundo?

Esta experiência falhada da campanha anti-comunista e anti-soviética através da Emissora Nacional feita de forma tão grosseira, demonstra que o nosso povo repudia a «pa'ha» de que se alimentam os Olegdos deste país!

amplo movimento de solidariedade às vítimas do fascismo, duma campanha pela amnistia, duma campanha pela libertação dos presos em «medidas de segurança» duma larga acção contra a guerra colonial ou contra a presença de tropas estrangeiras em território português. Com qualquer destes fins, estão condições políticas criadas para empreender grandes lutas. Apenas tem faltado a iniciativa e a capacidade de organizá-las.

Avante na criação duma forte organização! Avante no desencadeamento de pequenas e grandes lutas!

A FAMÍLIA C.U.F.

Nos últimos anos tem-se vindo a assistir a uma acentuação dos esforços por parte do grande capital para minar o espírito de classe dos trabalhadores, para corromper o seu espírito revolucionário.

De toda esta ofensiva do grande capital para corromper a classe operária é na CUF que ela mais se faz sentir nos últimos tempos. A criação da chamada «Comissão Interna de Empresa» da qual fazem parte delegados operários, do pessoal técnico e do Conselho de Administração, este representado frequentemente pelo seu presidente Jorge de Melo, é uma das iniciativas mais importantes a visar a corrupção. A existência dum organismo que reúne mensalmente onde se agrupam operários, encarregados e patrões, tem desde logo o objectivo de demonstrar que entre uns e outros não há divergências que não possam ser resolvidas em volta duma mesa. É verdade que a maioria dos operários da CUF, longe de se deixarem adormecer com as manobras dos patrões, têm sabido aproveitar a existência da comissão para apresentar ao Jorge de Melo as suas reivindicações. Além disso, os operários da CUF apesar da existência da CIE, por diversas vezes têm demonstrado, não confiar a esta a solução das suas reivindicações. É disto exemplo, as 4 mil assinaturas recolhidas no fim do ano passado, de apoio às reivindicações fundamentais dos operários da empresa. A abordagem directa das operárias da zona têxtil ao Jorge de Melo, para que os 4500 do chamado «prémio de actividade», passasse a fazer parte do salário. A paralização de algumas secções quando recentemente a empresa por causa dos feriados, só queria pagar no fim do mês. E ainda, quando o pessoal da zona metal-mecânica, também recentemente, foi reclamar botas de protecção, etc.

Claro está que isto não quer dizer que esta tentativa fique sem qualquer efeito novo junto dos operários da empresa. Infelizmente, há sempre trabalhadores que por falta de esclarecimento ou por outras razões se deixam levar por estas falsas cantos de «hermencia» entre classes.

A ofensiva dos libéres da CUF contra o espírito de classe e a unidade dos seus operários desenvolve-se ainda por outras formas.

O Boletim interno da empresa de Março último, respondendo ao pessoal que deseja ver os seus salários aumentados, diz: «Sem dúvida que é possível «desde», que cada um compreenda que trabalha para si próprio e, conseqüentemente, deve empregar no exercício da sua função o melhor do seu saber e do seu esforço, sem quebra de rendimento e sem perdas de tempo», e logo a seguir: «não basta pois que alguns trabalhem. É necessário que estes façam compreender aos que assim não procedem que não só se prejudicam a si próprios, como também aos seus colegas de trabalho.»

Também em relação às promoções se bate na mesma tecla dizendo-se: «Quanto à possibilidade de promoções está nas nossas mãos conseguir.» e a seguir: «Desde que exista da parte de todos o desejo sincero de cumprir.»

A linguagem utilizada no Boletim está voltada quase exclusivamente para intensificação da exploração através do aumento da produção e para a cantiga da «harmonia» entre operários, e patrões. Isto aliás, está dentro do espírito da lâbia falada «família CUF» que os dirigentes da empresa tanto apregoam. Curiosa família esta onde uns acumulam fortunas fabulosas e outros vivem no meio de privações e de dificuldades sem conta.

Os trabalhadores portugueses que são dos mais mal pagos da Europa, aprenderam através duma dura experiência que os exploradores não renunciam jamais ao aumento constante da exploração na busca de super lucros.

Cada aumento de salários torna os vencimentos cuspia demanera geral sacrifícios que vão muitas vezes até à prisão e ao despedimento, dos trabalhadores. Estes sa; bem ainda que não é porque este ou aquele explorador apresenta melhor ou pior sera que ele deixe de ser o seu principal inimigo. Todas as iniciativas do patronato que visem levar a falsa ideia da «harmonia» entre classes, apenas tem por fim prolongar a existência dum regime que assenta na exploração do homem pelo homem, e portanto na mais feroz divisão de classes.

Só em regime socialista a classe operária no seu conjunto trabalhará realmente para si, só então os operários de uma mesma empresa serão na verdade uma família irmanada no mesmo objectivo de trabalhar para o bem comum. É preciso compreender que capital e trabalho não podem coexistir pacificamente, tudo o que pretenda dar uma ideia contrária destina-se a melhor enganar os trabalhadores, a melhor os explorar e prolongar a sua exploração.